



A Illustração Portuguesa
Semanario
REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES—Alberto Pimentel; Bulhão Pato; C. Castello Branco; C. Dantas; C. Bellem; E. de Barros Lobo (*Beldemonio*); Eça de Almeida; Eugenio de Castro; E. Schwalbach; F. Caldeira; F. Pithã; Gervasio Lobato; D. G. Torrezão; Gallis (A.); Joaquim Lima; J. C. Machado; L. A. Palmeirim; Marcellino Mesquita; Pinheiro Chagas; Sergio de Castro; Thomaz Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor, etc.

SUMMARIO

TEXTO:—Chronica, por Azulay;—Pensamentos e aphorismos;—Vida litteraria (*Os devotos de Balzac*), por D. Guiomar Torrezão;—Os grandes portos commerciaes, por Pinheiro Chagas;—Valentina, novella,

(conclusão), por Eugenio de Castro;—*Dejeza dos Açores*, (continuação), por Alberto Telles;—*Aquarella*, soneto, por Christovam Ayres;—*As nossas gravuras*;—*Em familia* (*Passatempos*);—*A rir*;—*Um conselho por semana*;—*Um drama intimo*, conto, por José Maria da Costa.
 GRAVURAS:—*O rei e a rainha da Servia*;—*Asylo de Nossa Senhora da Conceição*;—*Expedição Crevaux*;—*Modas*;—*O conego Diogo de Faria e Silva*.



O REI E A RAINHA DA SERVIA

CHRONICA

Um crime monstruoso, cujas raizes se prendem no sensualismo de que a historia da humanidade traz, desde tempos immemoriaes, curiosas revelações, abalou poderosamente a nossa sociedade.

E' grato ouvir levantar tão alto, de todos os lados, os gritos de uma indignação não fingida, porque elles saem do fundo moral de uma sociedade no momento da primeira impressão immaculada, ingenua e irresistivel.

E' um facto, que temos caminhado muito, interior e exteriormente.

A sociedade moderna acha-se n'um periodo de lucta e de transformação. Cada dia abre-se uma nova lucta; cada dia assegura-se uma nova conquista, e d'ahi a suprema necessidade de condensar n'um impeto ingenuo e virginal, á força de ser altruista, todas as suas forças.

Ora, quando os povos se preocupam de tal modo com a sua existencia e com o seu futuro, não lhes é dada prostituirem-se, e nenhuma importancia tem, como symptoma de doença geral, um caso sporadico como o de Marinho da Cruz.

Em todos os tempos houve monstros moraes. Este é um d'esses. A sociedade não tem a minima responsabilidade de semelhante facto quanto á sua origem. E foi tal a indignação que se apossou do animo dos juizes e dos peritos, que elles preferiram ver no accusado um louco em vez de um criminoso.

O povo, alma generosa e grande, mas simples e pura, sem reflexão e sem analyse, teimou em ver n'aquelle precito somente a astucia e a malvadez.

Esperamos que o grande mestre—o tempo, nos elucide. O tenente Rocha Freitas, que desfechou á queima roupa, pelas costas, um tiro n'um capitão, por causa de um soldado com o qual tivera relações do genero das de Marinho da Cruz, está realmente doido, chegando a ter accessos da furia.

A Marinho succederá o mesmo, mais tarde.

Se elle escapou á justiça dos homens, não escapará ás consequencias dos seus vicios, que já o arrastaram de uma maneira fatal e irresistivel ao crime de sangue.

Mas a sociedade clama e com razão, que tinha direito a ser respeitada e salvaguardada contra estes epilepticos larvados, antepoendo-se entre elles e o convívio social o muro de uma penitenciaria.

E accresce que, no caso presente, não se trata de um innocente, trata-se de um irresponsavel, o que é diverso.

Trata-se de uma fera perigosissima e astuta, cujas garras são armadas de revolver, e que, nos seus ataques de loucura ciumenta, mata á luz do dia em plena praça publica, sem piedade e sem remorso!

Ou louco ou perverso; mas naturalmente, mais louco do que perverso, esse homem deveria ser sequestrado para todo o sempre, como um tigre, e encerrado n'uma jaula, embora ella se chamasse—hospital, ou se chamasse—cadeia.

Porque não pode haver compaixão para um tal ente que nem um signal de arrependimento mostra! O que deve haver é o receio de que elle continue a matar, quer consciente, quer inconscientemente.

O respeito pela sciencia não nos pode levar até ao ponto de vermos repetir-se amanhã outro assassinio, se o alferes Marinho da Cruz sair do hospital, dado como curado pelos alienistas.

E' sabido que no decorrer do processo se deu o seguinte episodio:

O sr. promotor de justiça perguntou ao sr. dr. Sen-

na, director do hospital do Conde de Ferreira, do Porto, se no caso do accusado ser recolhido como doido n'um hospital, *elle podia ali ser conservado se os medicos o julgassem curado.*

Tanto o sr. Senna, como o seu collega, sr. dr. Cra-veiro, responderam que o doente, logo que fosse reconhecido achar-se curado, não tinha motivo nenhum para continuar na retenção, porque isso estava fóra da alçada do medico.

Ora esta conclusão é exquisita.

E não encontramos uma opinião mais conceituosa para expressar o que sentimos, do que a proferida ironicamente pelo digno cirurgião militar, o sr. dr. Castello Branco, que tratou o accusado durante quatro mezes no hospital da Estrella.

Sua ex.^a disse que, acceitando a hypothese de que o accusado tenha a epilepsia larvada, se tornava indispensavel o seu isolamento completo, e que, para esse fim, o melhor meio era a Penitenciaria. «As penitenciarias estrangeiras, observou s. ex.^a, tem lá muitos epilepticos semelhantes.»

Todas as almas puras que se sentiram enojadas no decorrer d'este singular processo e que fixam os olhos lancinantes na suprema balança da justiça, não devem desanimar de ver os seus ideaes desaggravados. O promotor de justiça junto do tribunal militar, appellou da sentença. E é possivel que o supremo tribunal de guerra e marinha a annulle, mas tambem é muito possivel que a confirme.

A tragica historia, como se vê, não está finda, e no livro negro das miserias humanas escrever-se-hão ainda algumas paginas inspiradas pelo verbo doce do illustre poeta Thomaz Ribeiro, declarando enfermos mentaes todos os criminosos.

E' preciso abrir passagem á poesia, n'um paiz onde a medicina legal é inteiramente romantica, como o *Navio Phantasma* da lenda.

Até lá, veremos sempre (e isso faz o elogio dos nossos magistrados) em todos os crimes monstruosos, os mais variados symptomas de loucura; porque, attendendo á preconizada *brandura dos nossos costumes* (exemplo: as corridas tauromachicas) os nossos sinceros magistrados, tanto civis como militares, não admitem que isso se faça de *caso pensado*.

Teem pelo seu lado a lyra de sete cordas dos advogados parnasianos, as lagrimas das familias, os pedidos dos amigos e conhecidos, e sobre tudo a ameaça tremenda dos discursos dos alienistas.

Digam-nos com a mão na consciencia, os nossos amaveis leitores, se um dia, por desgraça sua, envergassem a toga de seda preta de um juiz, se não sentiriam tambem fallecer-lhes o animo para imitar D. Pedro I, o *Cru?*

AZULAY.

PENSAMENTOS E APHORISMOS

Que prova a vida? a morte.—Que prova a morte? a vida.—
Que provam a vida e a morte? o amor.

* * *

No segundo amor busca-se sempre o primeiro, razão porque o segundo amante é sempre o mais amado.

* * *

Os homens felizes com mulheres são sempre os mais desgraçados.

VIDA LITTERARIA

Os devotos de Balzac

(PAULO GINISTY)

Em 1840, uma aristocratica sociedade, reunida em Italia lembrou-se de distribuir pelos seus associados varios papeis, extrahidos da *Comedia humana*; alguns, foram admiravelmente sustentados.

Esse capricho mundano, engendrado na fantasia do alto sport, em um momento de desfazio, era um symptoma typico da singular devoção votada a Balzac, e demonstrava, mais uma vez, a profunda influencia da obra do romancista, o poder de fascinação exercido por elle.

Essa fascinação ainda hoje subsiste.

Quem ha ahí que não tenha sonhado, em um dia, encarnar uma das personagens creadas pelo prodigioso artista?

Quem não desejou ver ao seu lado, nas horas tristes do desencanto, o vulto docemente compassivo da duqueza de Maufrigneuse?

Quem não suspirou uma vez, ao menos, pela angelica ternura de uma Henriette de Mortsauf?

Quem não acreditou, um instante, no soberano poder das associações secretas?

Os heroes de Balzac teem uma existencia documentada, como a dos personagens historicos; são feitos de carne e osso, quem o duvida?

Basta relermos uma das paginas da *Comedia humana*, para nos sentirmos identificados com todo esse vasto mundo que se agita febrilmente; como que ouvimos a voz dos actores que interpretam o drama, penetramos na sua existencia, partilhámos as suas paixões.

A intensidade da evocação, diz Paulo Bourget, que explicou, com a sua habitual subtilidade, o sortilegio exercido pela obra do mestre, «é communicativa como um enthusiasmo e como um pânico.»

Tal é a potente força da *visão* de Balzac, que, não raro, o mundo inventado por elle parece mais vivo do que o outro.

A devota adoração dos fieis de Balzac manifestou-se, ultimamente, em successivas, pacientes e laboriosas investigações, que são como outras tantas homenagens, ou actos de fé, endereçados á memoria do grande romancista.

Paulo Bourget diz-nos o nome de muitos d'esses apaixonados «balzacianos».

Houve, por exemplo, um negociante marsehez, o sr. Honoré Granoux, que se orgulhava de ter nome igual ao de Balzac, e que se consagrou ao enorme trabalho de reunir todos os artigos publicados pelo fecundo escriptor, desde a sua estreia.

Tarefa gigantesca, como se pode calcular.

A «Comedia Humana» tornou-se a idéa fixa de Granoux: abatido, doente, arrastando-se penosamente, o marsehez revivia, sempre que se fallava de Balzac.

O seu culto comprehendia os mais fervorosos admiradores do mestre. Granoux envolvia em um respeito commovente o sr. de Lovenpoul, o incomparavel bibliophilo a quem devemos a historia das obras de Balzac.

Na opinião de Granoux, não havia cousa mais natural do que a resposta de Balzac a Sandeau, quando este lhe descreveu a doença da irmã:

—«Agora, voltemos á «realidade»... Que marido hei de dar a Eugenia Grandet?»

Alberto Allenet, antigo redactor da «Jeune France», fallecido ha alguns annos, concebera o vasto projecto de agrupar, sob uma orientação philosophica e psychologica, as personagens de Balzac, estudando-as na sua genesis e seguindo-as na corrente atavica a que ellas se prendem, como outros tantos elos, harmonicamente concatenados.

Henri Renaut, que foi um dos primeiros promotores da idéa de se levantar uma estatua ao mestre, fundou uma revista com o titulo de «Balzac», semelhante ás que se publicam na Allemanha, exclusivamente dedicadas a Mozart e a Wagner.

O doutor Fournier, maire de Tours, depois de ouvir as confidencias de antigos amigos e servos de Balzac, propoz-se fazer a analyse expositiva dos processos de trabalho usados pelo genial iniciador do naturalismo.

O plano de coordenar os personagens de Balzac em um reportorio, sorria aos seus devotos.

Gaborian pensára em realisá-lo.

Meilhac preoccupara-se igualmente com esse projecto.

Paulo Bourget tambem se sentira seduzido por esse traba-

lho, tão attrahente como temivel, e que demandava um inextinguivel ardor de enthusiasmo.

Calcule-se que espantosa agglomeração de notas, de documentos, de investigações, minuciosas e interminaveis, presuppõe um trabalho d'esta ordem!...

O acaso permitiu que dois adoradores de Balzac, mais tenazes do que os outros, encetassem, cada um do seu lado, essa colossal tarefa.

Ao cabo de algum tempo, tanto o sr. Christophe como o sr. Cerberr, descobriram que ambos cavavam na mesma vinha, e ambos tomaram a sabia resolução de unirem, em um commum esforço, as suas reciprocas aptidões.

D'essa esclarecida collaboração nasceu o tão desejado e tão curioso *Reportorio*.

*

Balzac foi um concorrente ao «estado civil.»

Elle, que possuia a maravilhosa faculdade de viver a propria vida do individuo sobre o qual se exercia a sua observação, dotou cada um dos personagens que passam atravez da sua obra, de uma existencia logicamente deduzida.

Colher o fio que liga a concatenação d'essa existencia, por entre todos os romances que compõem a *Comedia Humana*, foi o alvo a que miraram os dois laboriosos explanadores.

Ha n'esse surprehendente trabalho de formiga, a reconstituição, documentada por meio de datas, de todos os complexos factos em que intervieram os dois mil entes creados por Balzac.

E' digno de ser estudado esse dictionario, esse novo Vape-reau fantastico, onde nos assombra mais uma vez a poderosa robustez do cerebro que evocou todo esse exuberante mundo, vibrante de uma infinidade de paixões, desde os grandes sentimentos tragicos, até aos vis e mesquinhos interesses humanos!

Cada personagem está alli pela sua ordem alphabetica, desde o judeu Abrmko do *Cousin Pons*, até ao general Zarnowicki do *Envêrs de l'histoire contemporaine*.

Quem ousará duvidar da realidade das suas existencias?

Tudo as justifica e evidencia, os seus pronomes, o anno do seu nascimento e da sua morte, a lista dos alojamentos que occuparam, o seu retrato phisico, as suas vicissitudes, os traços salientes do seu character.

Os proprios comparsas, os creados, as figuras secundarias que apenas apparecem de relance, teem tambem alli a sua biographia, composta de indicações respigadas ao longo dos romances do mestre.

Nada escapou á paciencia benedictina de Christophe e Cerberr; todos desfilam n'essa grande marcha kaleidoscopica: porteiros, suissos, lacaios, *grooms*, creadas, costureiras, duques, trapeiros, princezas, *cocottes*, toda a numerosa prole saida da vasta elaboração de um cerebro omnipotente.

Só a letra C, escolhida ao acaso, corresponde a duzentos e oitenta e quatro nomes!

Que multidão se agita e tumultua nas paginas da *Comedia humana*, semelhantes a uma colossal floresta druidica, povoada de uma geração de gigantes!...

*

O que principalmente constitue a novidade d'este difficilissimo trabalho, é ser elle inteiramente desinteressado, obra que não tem nada de commum com o utilitarismo pratico, que exhala o puro e ingenuo aroma da fé em um luminoso espirito, da devoção litteraria por um grande e resplendente talento! A graça, a delicada essencia do culto prestado per esses dois crentes, está na sua espontaneidade.

Os devotos de Balzac divagam ao longo das galerias de marmore do gigantesco templo, architectado pelo mestre, e todo o seu jubilo resume-se em sentirem, sob essas abobadas sonoras, o *frisson* do enthusiasmo.

GUIOMAR TORREZÃO

OS GRANDES PORTOS COMMERCIAES

I

A questão do porto franco de Lisboa, que se está agora agitando no mundo politico, trouxe-nos á memoria um livro excelente, de que devemos dar conta aos leitores, apesar de ter sido publicado ha uns poucos de mezes; é porém uma obra de tal importancia, que entendemos dever dar d'elle uma noticia mais ou menos ligeira aos leitores da *Illustração*, que seguem com algum interesse estes nossos estudos ácerca do movimento litterario e scientifico do nosso paiz.

O livro a que alludimos intitula-se «Estudos sobre alguns portos commerciaes da Europa, Asia, Africa e Oceania e sobre

diversos serviços concernentes á engenharia civil», e é escripto pelo illustre engenheiro e tenente-coronel do corpo de estado-maior Adolpho Ferreira de Loureiro.

Encarregado em 1883 de ir estudar o porto de Macau e os melhoramentos de que necessitava, de ver de caminho os principaes portos commerciaes do mundo, o sr. Loureiro desempenhou-se admiravelmente da sua commissão, e, ao voltar ao reino, apresentou o resultado dos seus esplendidos trabalhos. O relatório acerca do porto de Macau foi immediatamente mandado publicar pelo ministro da marinha. Constando porém que acerca dos trabalhos preliminares que fizera tambem o sr. Loureiro tinha largos estudos reduzidos á forma de livro, a pessoa que escreve estas linhas, que tinha então a honra de gerir a pasta dos negocios da marinha e de ultramar, de accordo com o sr. Antonio Augusto de Aguiar, que geria a pasta das obras publicas, não hesitou em auctorisar tambem a publicação d'esse outro relatório, que forma uma obra em dois fortes volumes, cheios de informações importantissimas e de engenhosas observações. Acompanhal-o-hemos rapidamente, sem entrarmos, é claro, nas particularidades technicas, mas de modo que os nossos leitores possam formar uma idéa clara do estado actual dos principaes portos do mundo. E' importante esta questão de actualidade, porque talvez nenhum outro livro se encontre hoje na Europa, que abranja tão vasta rede de informações sobre este assumpto. O famoso livro de Simonin sobre os grandes portos de França tem já oito ou nove annos, e demais a mais deixa fóra do seu quadro portos tão importantes como os hollandezes, os allemães e os inglezes.

Acompanhemos pois na sua viagem scientifica o nosso illustre compatriota.

O primeiro porto de que elle nos dá conta é o porto de Boulogne-sur-Mer, famoso por ter sido escolhido por Napoleão I para ponto de partida da formidavel expedição que elle queria arrojear sobre as costas de Inglaterra, alli então o grande imperador mandára proceder a obras importantes. Desenvolveu-as o segundo imperio, mas, consideradas hoje insufficientes, vão ser consideravelmente ampliadas. Boulogne-sur-Mer está na costa desabrigada de um mar tempestuosissimo. Por falta de um porto de abrigo de bastante importancia, vê a França os navios que se não atrevem a arcar com os temporaes de Marselha refugiar-se nas costas da Mancha, e é este mal que o governo francez pretende evitar.

Apezar de tudo, Bolonha já hoje rivalisa quasi victoriosamente com o porto de Calais em dar saída aos viajantes que passam do continente para Inglaterra, e os que vem das costas inglezas para a terra firme. A terra ingleza, que está, por assim dizer, conjugada com Bolonha, como Dover com Calais, é Folkestone.

Bolonha tem hoje uma estação de caminho de ferro marítima, e nos vastos caes da alfandega numerosos armazens e o «entrepoto».

O movimento de navios, que em 1835 era apenas de 955, subiu em 1869 a 2051, e a 2302 em 1882.

Apezar da rivalidade de Bolonha, lucta Calais por conservar o seu velho privilegio, e, da mesma forma que Bolonha, amplia as obras do seu porto. Em 1868 o movimento dos passageiros marítimos que por alli transitaram foi de 142:221. Apezar da grande sangria que Bolonha tem feito a essa corrente, o numero de passageiros não tem diminuido, antes tem augmentado. E' que, á medida que se vão multiplicando os meios de transporte, vai-se multiplicando tambem o gosto das viagens.

Logo acima está o porto de Dunkerque, porto difficil que a natureza parecia ter condemnado, e que tem sido salvo á custa de enormes quantias que alli ha dois seculos se enterram; mas a cidade cujo commercio é alimentado por numerosos canaes e vias férreas, está cada vez mais prospera, e no seu porto, apertado entre duas *jetées*, entram cada vez mais navios. A sua tonelagem, que em 1851 era de 362:177, subiu em 1882 a 1.489:620.

Ha de acreditar-se que, sendo o porto do Havre um dos portos mais frequentados do mundo, e estando o porto de Rouen situado nas margens do Sena, a mais de vinte leguas da sua foz, é ainda assim procuradissimo, sendo frequentado por mais de 4000 navios com uma tonelagem muito superior a um milhão de toneladas? Assim é comtudo, e o sr. Ferreira Loureiro afirma que se repete esse phenomeno em muitos outros portos e que os portos interiores dos rios são sempre os mais frequentados. O governo francez não tem descurado este porto, e alli, como em todos, se está procedendo a novos e importantes trabalhos. O immenso desenvolvimento dos caes e dos diques do Sena dá ao porto de Rouen um caracter muito original e muito digno de estudo.

Uma das partes mais interessantes do livro do sr. Loureiro é sem duvida o que se refere ao Havre, esse porto que pelas suas condições commerciaes é hoje um dos primeiros do mundo, e que tem um movimento marítimo annual de mais de 12000 navios, sem contar o movimento fluvial. E' curioso porém o facto de ser relativamente pessimo o porto, e de estar hoje ainda mau, apezar dos numerosos trabalhos que alli se têm realisado, que se estão realisando e que se projectam.

A descripção das magnificas obras alli construidas, e das que se estão construindo, a descripção da lucta de morte que se está travando entre Rouen e o Havre, lucta em que o governo francez mostrou uma tal imparcialidade que se dispende milhões com o

Havre, logo em seguida os dispende igualmente com Rouen, toda essa exposição emfim é verdadeiramente notabilissima. Rouen tremeu que a abertura do canal de Tancarville lhe desse um golpe mortal, hoje o Havre receia que o encanamento do Sena arruine completamente o seu commercio. Reclama então instantaneamente o commercio d'aquella praça que se facilite o mais possivel, debaixo do ponto de vista fiscal, a entrada dos navios n'aquelle porto, a sua demora, a sua carga e a sua descarga. Esta questão dos portos está sendo effectivamente em todo o mundo de uma importancia superior.

Antes de deixarmos estes portos da Normandia, devemos lembrar aos nossos leitores que tiveram elles com o nosso paiz relações commerciaes importantissimas e de que o sr. Loureiro encontrou vestigios em Dunkerque.

«Com o nosso paiz, diz o illustre engenheiro, entreteve aquella cidade muitas relações, existindo alli ainda uma casa de Portugal, onde outr'ora se faziam grandes e importantes transacções.»

O porto de que em seguida o sr. Loureiro se occupa é o de Saint-Nazaire, destinado a um grande futuro commercial, e que já hoje é bastante prospero. Como em todos os portos da França, alli se trabalha activamente. Saint-Nazaire, que ainda no principio d'este seculo era uma aldeia sem importancia, deve o seu desenvolvimento á desgraça de Nantes, que vio o seu porto situado a 60 kilometros de distancia da foz do Loire ir-se a pouco e pouco assoriando e estragando. Foi Napoleão I quem vio a importancia que podia ter Saint-Nazaire, e quem mandou fazer os primeiros estudos. Depois, o turbilhão de acontecimentos peliticos affastou a sua attenção de Saint-Nazaire, que só em 1856 vio entrarem navios nas bacias do seu porto, arranjadas pela engenharia. Desde então tem rapidamente crescido, e o movimento das suas relações commerciaes com a America é já hoje muito importante. O porto de Marselha é um dos que mais chamam a attenção da engenharia pelo desenvolvimento colossal das suas obras. Aquelle magnifico porto, com os seus 13 kilometros de caes e a sua enorme superficie de dokas, ainda aneia por maior desenvolvimento. O seu movimento marítimo annual sobe a 18 000 navios com uma tonelagem superior a 7 milhões de toneladas. Em 1876 o seu movimento commercial era representado por cerca de 2.000 milhões de francos ou 360:000 contos de réis.

Comtudo, Freycinet, que foi de todos os ministros republicanos o que mais se occupou de obras publicas e sobre tudo de obras hydraulicas, deu ainda ao porto de Marselha um impulso gigante. A a velha cidade phoceia ainda não está satisfeita e aneia porque se realice o grande projecto de navegação fluvial, que a ponha por um canal interior em comunicação com o mar da Mancha, ou mesmo com o golpho da Gasconha. Qualquer d'esses projectos seria colossal e dispendiosissimo. Ha poucas semanas ainda se fallou d'esse projecto na camara, e o novo ministro das obras publicas, mr. de Hérédia, declarou positivamente que o dispendio era por tal forma colossal que não haveria vantagens que o compensassem.

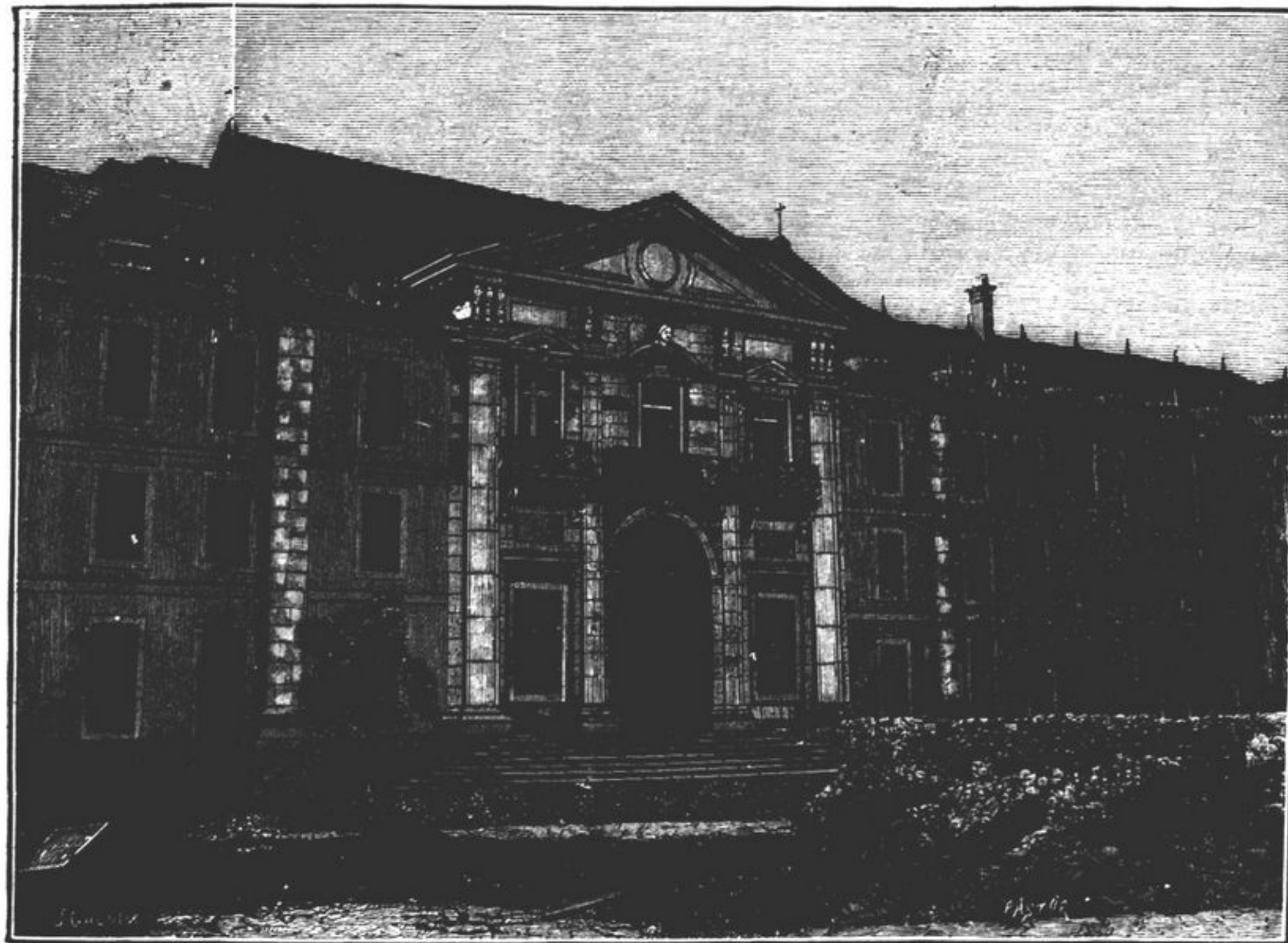
E' tambem curiosa de seguir a descripção do porto de Cette, que deve a sua existencia exclusivamente á arte do engenheiro, porque podia considerar-se um porto completamente perdido quando trabalhos energicamente emprehendidos e energeticamente continuados e mantidos, apezar do dispendio enorme que occasionam, levantaram Cette, que no principio d'este seculo estava reduzido a condições insignificantes, a ser hoje o 6.º porto commercial da França. Em 1816 tinha Cette um movimento de 2:974 navios com uma tonelagem de 152:92 toneladas; sessenta e cinco annos depois, em 1881, o movimento dos navios passava de 2:974 a 6:482, e a sua tonelagem de 155.920 a 1 976:007 toneladas.

O sr. Loureiro quiz tambem examinar os trabalhos da foz do Rhodano e em geral do curso inferior do rio, e teve razão, porque essa parte do rio e os terrenos que o rodeiam são muito curiosos de observar. E' alli que se dá o notavel phenomeno da marcha do continente pelo Mediterraneo dentro, tão incessante que cidades que foram portos de mar na idade media, estão hoje a muitos kilometros do Mediterraneo. Diz o sr. Loureiro que essa marcha continua e que se pode calcular n'uma conquista de 65 metros por anno. Quer isto dizer portanto que no anno 3000 terá a França perto de 70 kilometros de terreno conquistado ao Mediterraneo, o que representa uma superficie importantissima e sobretudo uma conquista tanto mais agradável quanto é absolutamente pacifica.

Depois de ter visitado as Bocas do Rhodano, passou o sr. Loureiro por Toulon, onde pode admirar apenas a magnifica rada, porque a sua qualidade de estrangeiro fez com que nada pudesse visitar dos estabelecimentos militares.

O ultimo porto de França que o sr. Loureiro visitou, mas de todos para nós o mais interessante, foi o de Bordens. O desenvolvimento d'este porto em 50 annos tem sido maravilhoso. Em 1831 tinha um movimento de 180:000 toneladas, em 1882 esse movimento subiu a muito mais de 3 milhões de toneladas. N'este mesmo anno o numero de navios que entraram em Bordens, e que de Bordens saíram, era superior a 21:000.

Bordens porem atravessa agora uma crise seria. O seu porto está diminuindo de profundidade e muitos navios que vão alli buscar vinhos bordelezes não passam de Pauillac, e por isso Bor-



ASYLO DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO

deus vê-se também ameaçado de deixar de ser um porto de escala das grandes carreiras transatlânticas. Para evitar esses inconvenientes estão-se projectando obras, cujo custo subirá a 60 milhões de francos, quer dizer 10:800 contos de réis.

No segundo artigo daremos conta da visita do sr. Loureiro aos portos não francezes.

PINHEIRO CHAGAS.

VALENTINA

(Conclusão)

IV

E' tempo de ir encurtando a triste narrativa dos meus amores.

D'accordo com *La Fontaine, les grands ouvrages me font peur.*

Portanto, nada de demoras.

Logo que Valentina ficou sendo definitivamente a minha amante, alterei d'um modo completo a minha vida.

Ficava com ella toda a noite e, de manhã cedo, quando os gallos começavam a cantar, sahia do nosso bello ninho encantador e dirigia-me para casa, mãos nos bolsos, aborrecido, cheio de somno.

Nas ruas passavam alguns operarios madrugadores: o ceu cõr de cinza ia-se alli rosando a pouco e pouco, e lá no azul sentia-se a chilrada dos passaros, que voavam serenamente n'um dôce trepidar de plumas.

Como disse, eu morava então na rua da Prata. Para encurtar o caminho, costumava atravessar a Praça da Figueira, que despertava então, n'um grande murmurio fresco e matinal.

Eram seis horas da manhã.

Nas ruas do mercado arrastavam-se os carregadores ajoujados pelo peso brutal das canastras. As vendedeiras dispunham as suas hortaliças humidas e appetitosas. Em poceiros de vime havia reflexos loiros de magnificas laranjas succulentas e redondas: aqui e acolá levantavam-se pequenos Hymalaias de ervilhas cõr de esmeralda: nos açougues havia um gemer frio de cutellos afilados; e o bom sol matutino e doirado lançava sobre tudo isto uma polvilhação faiscante e luminosa.

Eu, morto de somno e de fadiga, atravessava o mercado rapidamente e, ás horas a que todos despertam, ia-me deitar cheio de uma melancolia severa e profunda.

Ao cabo d'um mez senti-me adoentado. E á medida que me fui sentindo cada vez mais fraco e abatido, aquelle amor começou a decrescer, a diminuir, como um veio d'agua que se extingue a pouco e pouco com a proximidade dos calores estivaes.

Valentina já não me encantava como d'antes. De manhã, quando eu sahia de casa d'ella, ao vel'a despenteada, com os olhos morticos e os beiços crestados, os seus beijos chegavam a repugnar-me.

O sentimento da *posse* fez abalar muitas das minhas antigas chimeras: as suas caricias repetindo-se a cada momento, chegaram a enjoar-me: e alem de tudo isto, Valentina era uma mulher vulgar, não era a mulher superior que eu tinha sonhado.

O meu coração illudido começou, portanto, a querer emancipar-se da emaranhada réde onde se fóra prender insensatamente.

Uma vez, ás 2 da noite, encontrei-me com o Marcellino Gouveia, o melhor dos meus amigos.

—Como vão os teus amores? perguntou-me elle.

—Quasi moribundos, respondi com um sorriso amargo.

E então contei-lhe tudo: as disposições em que estava de acabar com tudo aquillo, a minha vida causticada e triste.

O bom do Marcellino approvou o meu projecto. Fez-me ver que não me convinham semelhantes relações, os desgostos que ellas me podiam trazer...

—Não sejas tolo, dizia elle; acaba com tudo e quanto mais depressa melhor.

O Carlos Dias, outro amigo, disse-me o mesmo.

Começou então para mim uma phase terrivel.

Em boa verdade, não via meio de vibrar o grande golpe decisivo. Valentina era-me fidelissima, sujeitava-se a todas as imposições que eu lhe fazia, mostrava-se muito minha amiga e fugia de me contrariar nas mais pequeninas cousas.

A minha posição era, portanto, difficilissima.

Sem ver outro meio de terminar aquellas relações, comecei a desleixar-me progressivamente: passavam-se tres e quatro dias sem ir a casa d'ella, cheguei a estar uma semana sem lhe escrever, e quando nos encontrávamos, mostrava-lhe que me achava deveras

aborrecido d'aquelle idyllio que se ia prolongando demasiadamente.

Entretanto, Valentina, logo que percebeu esta mudança que se fizera em mim, tão rapidamente, começou a entristecer-se, a tornar-se muito pallida e muito lacrimosa. Cheia de supplicas, pedia-me que não a abandonasse, que tivesse compaixão.

Porém, a transformação que se fizera em mim tinha sido radical: eu e Valentina eramos incompativeis.

Um dia, ao cabo de um longo passeio, entrámos no Campo Grande e fomos sentar-nos no banco de madeira que circunda o tronco enorme d'aquelle grande cedro que todos conhecem.

Enchendo-me de coragem, fallei-lhe terminantemente. Valentina ouviu-me sem dizer uma palavra, sem soltar uma queixa.

Mas, quando eu me calei, a pobre rapariga tapou os labios com o lenço, que se foi tingindo de purpura.

Era uma golfada de sangue.

Fiquei incommodadissimo. Pedi-lhe que me perdoasse, que acreditasse no meu amor, que fosse minha amiga, e de joelhos, tremulo e succumbido, beijei-lhe os dedos afilados e brancos. Mettemo-nos n'um carro e viemos para Lisboa.

Felizmente, duas semanas depois, Valentina estava completamente restabelecida: os escarros de sangue pararam de todo, começou a dar pequenos passeios de carruagem, começou a comer com appetite e a sua fronte cheia de pallidez foi-se roseando novamente.

Logo que a vi cheia de saude, surgiu-me de novo a idéa persistente de me desligar d'aquelles amores, cujas desvantagens eu reconhecia.

O que me faltava era um ensejo. Ora esse ensejo não se fez esperar. Um dia Valentina escreveu-me uma longa carta, cheia de recriminações, de queixas: n'esse dia eu estava pessimamente humorado, de forma que aproveitei a occasião de pôr o ponto final n'esse romance cuja monotonia me enfasiava bastante.

Respondi-lhe immediatamente, com toda a sinceridade, com toda a franqueza: fiz-lhe ver como essas relações prejudicavam a minha vida, o meu futuro, e depois de todas essas considerações, propuz-lhe um acabamento completo, com que ambos lucrariamos.

Valentina não me respondeu.

Passaram-se duas semanas: e afinal, n'uma manhã de abril vieram dizer-me que Valentina tinha morrido na vespera. Fiquei terrivelmente assombrado. Vesti-me de preto e dirigi-me para casa d'ella, essa casa onde eu passára as noites mais deliciosas e onde agora ia passar o mais terrivel dos momentos.

V

Subi as escadas vagarosamente. No corredor sentia-se um cheiro nauseante de acido phenico e alfazema. A sala, com as janellas fechadas, tinha um ar sombrio de subterraneo. De quando em quando ouvia-se um soluço.

O quarto de Valentina, um bello quarto onde eu beijára tantas vezes o seu corpo esbelto e alvo, estava transformado em camara ardente. As paredes forradas de preto; no meio da casa o caixão negro agaladoo com filletes d'ouro; quatro brandões derramando em torno um cheiro funerario de cera derretida, e entre as duas janellas um grande Christo de marfim, chagado e lacrymoso, alvejando na cruz de ebano muito negra...

Ajoelhei-me enternecido: beijei o caixão de Valentina e senti duas lagrimas escorrendo-me dos olhos.

Na rua começou a sentir-se um grande rumor de carruagens.

Foram chegando os convidados.

Quatro homens, muito pingados de cera, agarraram no caixão e levaram-n'o pela escada abaixo.

Chegámos á rua. O feretro foi collocado n'um carro negro com figuras douradas.

Atraz, n'uma berlinda cheia de pinturas funerarias, alvejavam as sobrepelizes brancas dos padres.

O enterro começou a desfilar. Atirei-me desleixadamente para dentro d'uma carruagem; fomos seguindo vagarosamente...

O sol fulgente e luminoso deixava cahir da sua taça d'ouro um longo pranto de prazer.

Eram duas da tarde. O ceu estava serenissimo: pombas voavam docemente e ao largo via-se o Tejo correndo azuladamente n'uma grande paz luminosa...

Chegámos aos Prazeres.

Um homem tocou a sineta do largo portão de ferro.

Descemos então das carruagens e fomos acompanhando o feretro, tristemente, os olhos baixos, os labios mal abertos.

O mausoleu estava preparado: veio o latim, o caixão foi encerrado lá dentro e todos se retiraram enquanto eu ali ficava triste e paralyzado, sem consciencia e sem força...

CONCLUSÃO

Eis a historia dos meus amores, historia sem lances dramaticos, sem situações complicadas, mas que é infelizmente verdadeira.

EUGENIO DE CASTRO.



EXPEDIÇÃO CREVAUX

DEFEZA DOS AÇORES

1581-83

(CONTINUADO DO N.º 51)

Era a esse tempo corregedor em Angra Cypriano de Figueiredo e Vasconcellos, creado na casa dos condes de Vimioso e um dos mais estrenuos partidarios do prior do Crato. A elle se dirigiu Philippe II, antes de usar da força para subjugar aquelles povos, que ousavam reagir contra a usurpação. Empregando o costume expediente das peitas e subornos que dera optimos resultados no continente, depressa conheceu que não surtia o mesmo effeito nas ilhas, porque os seus enviados, recebidos a tiro, uns não chegaram a desembarcar, e outros, menos bem avisados, que o fizeram, só conseguiram escapar da sanha popular com a protecção das auctoridades.

Tentado com o perdão de suas culpas e a promessa de mercês, o honrado corregedor recusou tudo em termos que dizem bem a nobreza da sua alma:

«Não me tenha V. M. culpa, porque jurey a el Rey Dom Antonio por meu rey e senhor, defender esta Corona, que tambem fizer o mesmo se vos tivera jurado, por lo que não com tanto gusto, porque basta ser Rey portuguez. E se a desventura me chegare a estado que fincasse com vida soggieta, e por fazer o que devo me mandasseis matar, não se perderia a memoria da minha lealdade nem a fama de vossa crueza e sem justiza, eu não servo ao rey Dom Antonio por interesse (posto que d'elle se podem esperar mayores mercês que de otro nenhum Rey), mas sirvo com a pureza de minha obrigazao, da que resulta não me moverem merces promettidas, que foi o lazo em que cayo Portugal. 1»

Cumpra notar que Philippe II tinha já anteriormente (16 de abril de 1581) mandado passar um alvará em que assegurava esquecimento e perdão aos habitantes da Terceira que se entregassem, e bem assim aos da Graciosa, S. Jorge, Faial e Pico, pois que as outras ilhas se haviam declarado a favor d'elle. 2 Foi portador d'esse alvará D. Pedro de Valdés, cujas instrucções eram passar «adelante, no solo de la isla Tercera, pero de todas las islas de los Azores» para limpar os seus mares de corsarios e comboiar as naus das Indias orientaes e occidentaes «hasta ponerlas em salvo y seguridad,» aquellas em Lisboa, e estas em San Lúcar de Barrameda. 3

A armada de Valdés, tendo sahido de Cascaes a 16 de junho, tocou em S. Miguel no dia 30, e surgiu defronte de Angra no meado de julho. Compunha-se de dez vélas, oito grandes e duas pequenas. 4 Atravessando-se deante do porto, sem lançar ferro, fez fogo, e durante tres noites successivas mandou pela costa lanchas guarnecidas de tropa, até que tomaram uma embarcação de pesca, e, vindo á fala com a gente d'ella, ameaçaram de desembarcar mil soldados, se a ilha não se rendesse ao serviço e obediencia de Philippe II. «Riram-se d'isso—diz um escriptor coevo—antes em vindo qualquer batel da armada com recados lhe atiravam. 5» Oito a dez dias pairou a armada em frente de Angra, indo logo depois para a Praia, onde intentou communicar com as auctoridades, sem obter resultado algum. A villa, situada ao longo de um extento areal e por isso muito exposta, foi rijamente batida pela artilheria de Valdés, que retirou «no sin recibir daño de sus baterias, que acertaron á dar dos balazos en el galeón almirante y otro á lumbre de agua del portugués. 6»

Constando então na cidade que a frota inimiga estava deante da villa de S. Sebastião, proximo da Praia, sahiram logo para Porto Judeu, que fica junto de S. Sebastião, alguns arcabuzeiros e piqueiros e nobres de cavallo e de pé. A armada dava alguns signaes de querer botar gente em terra ao outro dia, em que se contavam 25, festa de Sant'Iago, padroeiro de Hespanha. Passou-se a noite em socego, mas na terrível anciedade do que poderia succeder d'ahi a poucas horas.

A's quatro da manhã ouviu-se tocar a rebate o sino da egreja parochial de Santo Antonio do Porto Judeu e, quasi ao mesmo tempo, o estampido da mosquetaria. O mar, que estava muito manso, e a costa descoberta e geralmente desguarnecida de fortes facilitavam em extremo o desembarque a que se abalançou Valdés «por festejar el dia del patrón de España», segundo escreve o sr. Fernández Duro. 7

A fuzilaria, que deu o signal de alarma aos postos mais distantes, era o primeiro acto da lucta sanguinolenta que principiava entre os castelhanos e os ilheos. Aquelles, mal puzeram o pé em terra, tomaram sem difficuldade uma bateria de tres peças que ali havia. E os nossos, que estavam na *Casa da Salga* (assim

se chamava o ponto onde o inimigo desembarcou), em que ha uma larga e profunda bahia, distante de Angra legua e meia e outro tanto da Praia, viram que «já estavam 400 homens, gente muito illustre e soldados velhos, que era certo para temer, e sua ordem e esforço era de grandes e animosos soldados.» 1

Affirma o auctor anonymo da *Relação* que os hespanhoes chegaram a lançar em terra 1.000 homens, numero sem duvida muito exagerado. Mais credito nos merece o sr. Fernández Duro, pois diz que D. Pedro de Valdés «osadamente echó en tierra 350 hombres» commandados por seu filho Diogo de Valdés, que levava por ajudante D. Luiz de Bazán, sobrinho do marquez de Santa Cruz.

Entrincheirou-se o inimigo o melhor que poude, e no primeiro impeto levou tudo de vencida, o que não é para admirar em soldados aguerridos. A's nove horas tinha, porém, chegado muita gente da cidade, da villa da Praia e das freguezias circumvisinhas. Batiam-se com valor de parte a parte, e até se viam as mulheres com armas nas mãos combatendo a par dos homens. Os terços de Valdés eram sustentados por uma caravella da armada, com artilheria grossa, que «chegada á costa, de uma banda; e de outra, bordejando com vento norte, atirava de continuo á gente de terra. 2» E porque as cearas lhes causassem estorvo, deitaram-lhes fogo e aos frascaes das eiras, o que irritou muito os animos dos nossos e os acirrou na peleja.

Depois do meio dia estava ainda a fortuna indecisa quando um frade lembrou um «ardid provechoso,» diz o sr. Fernández Duro, 3 «o ardid de Annibal,» escreveu com muita propriedade Rebello da Silva. 4 Foi mandar vir muito gado, em que abundou sempre a ilha Terceira, espalhal-o de modo «que tomasse a largura e tamanho como o campo que tinham tomado os castelhanos» e, depois de aguilhoado e enfurecido, arremessal-o impetuosamente sobre o inimigo. Atraz do gado ia a gente toda, e conta-se que um capitão hespanhol dissera então:—«Vien con gado, ganados somos.» 5

Mal se pode descrever a confusão dos soldados de Valdés, colhidos de surpresa n'esse laço! O auctor da *Relação* que temos seguido refere que os insulanos da rectaguarda já «não acharam que matar. Muitos se botaram ao mar, e como iam armados se iam ao fundo; outros, para tirarem as armas ao longo do mar, não as podiam tirar tão presto, que os não matassem; e os barcos e bateis arredados que lhe não chegassem com os arcabuzes! 6» Abrazados na furia da guerra e cegos de ira pelo fogo que os hespanhoes tinham deitado aos trigos, os terceirenses não davam quartel, e é triste confessar que a medonha carnificina foi manchada com alguns actos de selvageria. No mar tudo era sangue, e por toda a costa só se viam homens carregados de despojos. Em fim, tomaram-se muitas armas, caixas e bandeiras.

Estava desfeita a expedição de Valdés, com perda de mais de 200 homens, entre os quaes se contavam os dois capitães Diogo de Valdés, e D. Luiz de Bazán. E nos annaes da Terceira ficava para sempre memoravel a batalha da Salga, em que entraram tambem alguns filhos das outras ilhas, e os francezes de Escalin, havia pouco enviado por Catharina de Medicis em soccorro da Terceira.

(Continúa).

ALBERTO TELLES.

1 *Relação das cousas*, etc.—pag. 315.

2 Idem—XIX, pag. 230.

3 *La conquista de las Azores*, pag. 15.4 Rebello da Silva—*Historia de Portugal*, t. III, pag. 31.5 Ferreira Drummond—*Annaes da ilha Terceira*, t. I, pag. 224.6 *Relação das cousas*, etc—XX, pag. 230.

AGUARELLA

Abril enflora as arvores; serena
a aragem friza os silenciosos lagos;
ensaia entre os rosas concertos magos
satyro Pan, na merencória arena.

O cysne d'alto collo e lactea penna
beija a consorte em prodigos affagos;
o céu é crystalino, a tarde amena,
cheia d'aromas e murmurios vagos.

Do lago sobre o ferreo parapeito
riem, pomposamente encanvalgados,
dois rapagões cheios de força e vida;

e a mãe, toda curvada sobre o peito,
embala nos seus braços delicados
tinha loira creança adormecida.

CANTOAM AYRAS.

1 *La conquista de las Azores*, pag. 233 e 234.2 Rebello da Silva—*Historia de Portugal*, t. III, pag. 28.3 *La conquista de las Azores*, pag. 182.4 *Relação das cousas que aconteceram em a cidade de Angra, ilha Terceira*, XVII, no *Panorama* de 1856, pag. 215. A pag. 11 de livro do ar. Duro diz-se que eram só 4 naus grandes e 2 pequenas.5 *Relação das cousas*, etc—pag. 215.6 *La conquista de las Azores*, pag. 13.

7 Idem.

AS NOSSAS GRAVURAS

O REI E A RAINHA DA SERVIA

Quasi toda a imprensa estrangeira tem alludido, n'estes ultimos dias, á questão de divorcio que se debate entre os monarchas servios. Parece-nos pois opportuno publicar os retratos d'aquelles dois soberanos, em cujo lar não reside a felicidade e o amor, embora exista o conforto e a riqueza.

O rei Milano Obrenowitch, conta apenas 33 annos, e é neto de Ephem, o irmão do afamado principe Milorch.

O monarcha servio estudou em Paris, e herdou o throno em 1868, por morte de seu primo Miguel, traiçoeiramente assassinado em Kostnutjah, a 10 de julho d'aquelle anno.

Durante a sua menoridade, foi-lhe nomeado um conselho de regencia, composto dos homens mais illustrados e mais dedicados á dynastia dos Obrenowitch alguns dos quaes tinham tomado parte na revolução de 1858, que derribou do throno o principe Alexandre da dynastia Karagoergwitch e o substituiu pelo principe Milorch.

Chegado á maioridade, a primeira coisa em que pensou foi em casar-se, e escolheu para esposo a princeza slava, Nathalia de Keriko, um anjo de formosura.

Ha dois annos, conforme todos estarão lembrados, lançou-se irreflectidamente nas aventuras d'uma guerra com os bulgares, em que soffreu derrotas successivas, taes como as de Shwitzna e Pirot.

*

A rainha Nathalia é formosissima, e dizem que, além de formosa, muito engraçada. Nasceu em Odessa e conta 31 annos. É neta do principe russo Mewsi.

Quasi todos os biographos da rainha da Servia são unanimes em apregoar-lhe os encantos, e nenhum d'elles deixa de referir-se ás suas magnificas tranças de cabellos pretos, preciosos.

ASYLO DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO

Em maio de 1880 foi o sr. Pedro d'Avila encarregado de fazer as obras necessarias no convento do Rato, para estabelecer em parte d'este edificio as officinas e galeria provisoria da imprensa Nacional, e na outra o asylo de Nossa senhora da Conceição.

O antigo convento do Rato constava de quatro corpos ou edificações distinctas, com differentes architecturas, construidas em epochas diversas, com aptidões proprias, embora se não communicassem interiormente, não havendo porém concordancia no nivel dos andares correspondentes.

A transformação do edificio foi radical; aproveitou-se apenas algumas paredes interiores, que ainda assim foram alteradas de 1 a 2 metros, conforme os logares.

Compõe-se o edificio actual de rez do chão, 1.º e 2.º andar e aguas furtadas.

O rez do chão comprehende aposentos para duas familias, deposito de livros e impressos, galeria da imprensa Nacional, diversos depositos do asylo, casas de banho, pharmacia, cozinha, copas, dispensa, lavatorios, etc.

O 1.º andar comprehende aposentos para tres familias, acomodações para a administração do asylo, e aposentos para a familia do sub-director da imprensa Nacional.

O 2.º andar contém uma galeria da imprensa Nacional e todo o asylo propriamente dito, comprehendendo 5 grandes dormitorios, uma grande enfermaria, um extenso refeitório para as asyladas, e outro menor para os doentes. N'este pavimento ha tambem quatro aulas, um grande salão para os dias festivos, e um gabinete para Sua Magestade a Rainha. Finalmente, acham-se n'este pavimento dispostos os quartos da regente e das mestras, ficando estes situados juntos dos dormitorios, além dos quartos para criados, copa, casas de banho, privadas, etc.

As communicações constam de uma grande escada para os dias de festa e solemnidades, e de 4 escadas de serviço; essas tres communicam-se do exterior até ás mansardas, havendo tambem um elevador automatico para a comida.

EXPEDIÇÃO CREVAUX

Damos hoje os retratos dos infelizes exploradores da missão do Paraguay, dirigidos pelo dr. Julio Crevaux, que ha annos fôram victimas do seu amor pela sciencia e pela humanidade, morrendo ás mãos dos indios Tobas, quando subiam o rio Pilcomayo, afluente do Paraguay.

Da expedição apenas escaparam dois bolivianos.

O doutor Crevaux levava em sua companhia o dr. Billet, na qualidade de astronomo; o desenhador Julio Ringer; o piloto encartado, Ernesto Haurat, e o seu ajudante, José Didelot.

O doutor Crevaux nascera em Lorquin (Meurthe), a 1 de abril de 1847; entrara para a marinha na qualidade de cirurgião ajudante em 1869, começando a sua carreira por duas viagens á Guyana em 1868 e 1870. Regressando a França no dia em que se

declarava a guerra, foi collocado em um corpo de exploradores. Prisioneiro do 2.º exercito do Loire, proximo de Vendôme, fuge atravessa as linhas prussianas e ganha o acampamento do exercito de Este, onde foi ferido.

Finda a guerra, doutorou-se e partiu para a America do Sul, onde permaneceu tres annos.

De volta á França, foi nomeado medico de 1.ª classe em novembro de 1876; em seguida obteve uma commissão do ministerio de instrucção publica, volta para Cayenna e emprehende a exploração dos paizes montanhosos situados a oeste da Guyana e das correntes do Amazonas, do Maroni e do Yari.

Esta região era absolutamente desconhecida. E' lá que a lenda colloca o El-Dorado, cujos palacios de ouro massiço se miram nas aguas dos lagos encantados. Crevaux percorre estes territorios em todos os sentidos, não encontra nem sombras de cidade encantada, que aliás não buscava; mas recolhe conhecimentos profundos acerca do paiz. Crevaux foi o primeiro homem que atravessou os montes Tumac-Humac, por onde se dirigiu ao Amazonas, descendo depois o curso d'este rio. Foi n'esta viagem que encontrou e ligou ao seu destino um preto imberbe, o fiel Apatú, que a datar de então compartilhou todas as suas fadigas e perigos, e que, graças á sua sagacidade, presença de animo e dedicação, o livrou de situações desesperadas. Crevaux explorou o Couroué, o Apauapi, e o Yari, cuja corrente é semeada de escolhos e de quedas de agua.

Não o seguiremos em todas as suas numerosas viagens; digamos apenas que, á volta d'esta primeira, foi detido nas ilhas da Salvação por uma violenta epidemia de febre amarella.

Não satisfeito com tratar dos doentes com uma dedicação extraordinaria, fez observações micrographicas do mais alto interesse, observações que foram um grande progresso para o estudo d'este flagello das terras tropicaes.

O seu excellente comportamento n'esta conjunctura valeu-lhe a cruz da Legião de Honra.

Na sua segunda viagem explora Crevaux outros afluentes do Amazonas, o Oyapock, o Ica e o Japura. Foi no decurso d'esta exploração que o viajante fez uma descoberta botanica assaz importante: a planta de que os indios extrahem o «curara». Esta planta, desconhecida até então, recebeu o nome de Strychnos Crevaux.

No mez de agosto de 1880, emprehendeu o doutor Crevaux uma terceira viagem; mas, d'esta vez, levava consigo, além do seu fiel Apatú, um joven pharmaceutico de marinha, o sr. Le Janne, e um marinheiro de Nantes chamado Francisco Burban. O seu fim era explorar o Magdalena e o Orenoque. Foi n'esta viagem que se deu um episodio que o mesmo dr. Crevaux refere nos seguintes termos:

«Tinhamos acabado de almoçar e estavam muito socegados da nossa vida; eu traçava o meu plano junto da bussola, Le Janne escrevia as suas impressões. Burban pescava á canna, e Apatú concertava o meu mosquito. Subito, o silencio da floresta virgem é interrompido por grandes gritos. Olho para traz: o Apatú tinha desaparecido. Na agua viam-se grandes bolhas e manchas de sangue; era uma vez o nosso companheiro!

No mesmo instante surge uma mão, agarro-a com todas as minhas forças, e tiro Apatú de dentro d'agua. O jacaré que o tinha empolgado e que só o largára á flor d'agua, indemnizou-se da presa perdida engulindo o meu chapéo, mas ao mesmo tempo ricocheteava-lhe na cabeça, come n'uma pedra, uma bala mandada por La Janne. O nesso ferido salvára-se da morte certa, perdendo apenas um boçado de pelle da região externa do joelho; teve a felicidade de ser agarrado pela parte menos carnuda da perna.»

Chegado ao termo da sua viagem, o doutor Crevaux teve a grande dôr de ver morrer um dos seus companheiros, o marinheiro francez Francisco Burban, victima, em poucas horas, da mordedura de uma arraia.

De volta a França, a pedido da Sociedade de Geographia, de que era um dos membros mais distinctos e que acabava de conferir-lhe a medalha de ouro, o ministro de instrucção publica fel-o official da Legião de Honra, recompensando d'esta fórma a sua sciencia e a sua coragem.

Crevaux só viu n'esta distincção um incitamento para continuar as suas explorações, e a 15 de novembro de 1881 partia com os companheiros que já nomeamos para explorar o Paraguay e ganhar d'esse modo um dos grandes afluentes do sul da parte inferior do Amazonas.

Foi lá que os indios Tobas os assassinaram barbaramente.

MODAS

O nosso figurino de hoje representa uma «toilette de visitas», em faille franceza e renda. Saia panneada e ligeiramente levantada a um lado, abrindo sobre uma quilha bordada com pingentes de contas, rodeada de uma fita larga, applicada em longas «coques» pendentes. Forma o puff uma renda larga concheada. Corpete curto e em bico, abotoando ao lado; a abotoadura é formada por bicos de seda, que assentam sobre uma renda larga, collocada a toda a altura do corpete; mangas sobre o curto, de



MODAS

canhões voltados, abrindo nos hombros, e deixando ver um rufo de renda.

Faz-se esta «toilette» com 1½ metros de faille e 3 metros de renda larga.

O CONEGO DIOGO DE FARIA E SILVA

Fez em 27 de abril ultimo um anno que baixou á sepultura este homem prestimoso e digno.

As excellentes virtudes que adornavam o seu nobre coração, o seu amor pela familia, da qual era o mais inexcedivel apostolo, tornam a sua memoria digna da maior veneração.

O conego Diogo de Faria e Silva nascera na freguezia de Alviubeira, concelho de Thomar, aos 18 de setembro de 1803, sendo seus paes Thomaz de Faria Leitão e D. Maria Ignacia da Silva.

Ainda muito novo, abraçou a vida monastica, entrando no convento dos Jeronymos, em Belem, onde foi monge professo de baixo da invocação de Diogo do Espirito Santo.

Taes serviços prestou á sua ordem, que mereceu a nomeação de procurador do convento, logar este que exerceu com muito zelo, energia e actividade, tornando-se digno dos louvores do seu superior.

Pelo seu conhecido character honradissimo e energico, foi mais tarde, por occasião da extincção das ordens religiosas, o escolhido para depositario de todos os bens do mosteiro, entre os quaes se contavam subidas preciosidades artisticas de muito valor, alfaias e numerario que attingiam importante cifra.

Ao seu zelo e energia se deveu a salvacão de todos esses valores, pois que, com risco da sua propria vida, os poz em porto de salvamento no Erario publico, quando se projectava um saque ao convento.

Este acto mereceu-lhe uma recommendação do governo.

Quando ainda no convento, procurou sempre o ser util a sua familia e á terra que lhe serviu de berço.

Chamando para junto de si um dos seus sobrinhos, promoveu-lhe a educação com destino á carreira de medicina, mas com a obrigação d'elle prestar os serviços clinicos na sua terra natal, de preferencia a qualquer outra localidade.

Feliz foi em tão louvavel intento, pois que seu sobrinho, o dr. Paulo Godinho da Silva, fiel ao cumprimento da sua promessa, e dotado de elevada intelligencia, salvou da morte milhares de conterraneos seus, que á falta de soccorros medicos, se entregariam nas mãos de charlatães, que exploravam a sciencia que desconheciam.

Ainda tambem no convento, promoveu a educação de um outro seu sobrinho, o dr. Carlos Guilherme de Faria e Silva, que pelo seu merecimento attingiu o mais elevado grau de hierarchia militar da armada, exercendo com muita distincção commissões importantes de serviço inherentes á profissão medica que abraçou.

Em 1838 foi nomeado beneficiado para a Sé de Lisboa, e por decreto de 9 de setembro de 1840 elevado á cathogoria de conego da Sé de Evora. Não tinha meios de fortuna.

Bemfadada nomeação! Bemfadados foram os proventos que d'ella auferio, porque foram elles abençoados pela mão de Deus. —Um pae o mais desvelado, o mais extremoso, não sacrificaria tanto o seu bem estar pela felicidade de seus filhos, como aquelle venerando sacerdote o fez pelos seus sobrinhos. Graças á sua muita dedicacão, ponde ver, no fim de alguns annos, surgir do producto do seu trabalho, do producto das suas economias, a melhor e mais abençoada colheita:—homens uteis para si e para a sociedade, e que nada seriam, talvez, se não fóra a mão generosa, de tão generoso bemfeitor.

Um dos seus sobrinhos, o Dr. Alexandre de Faria e Silva, formara-se em theologia e é hoje beneficiado da Sé. Seguiram a mesma carreira ecclesiastica outros seus sobrinhos: Carlos de Faria, que é hoje parochio da freguezia de S. Miguel de Machede, e o dr. Joaquim José de Faria e Silva, parochio do Redondo e professor do seminario d'Evora. O curso de marinha seguiu-o João Godinho de Faria, que é hoje um distincto official da armada; e o curso de medicina, o dr. Guilherme Godinho, medico do partido de Ferreira de Zezere; o dr. Francisco Godinho, medico do partido de S. Mamede d'Infesta; o dr. José Carlos Godinho, medico no Porto, e o dr. José Ribeiro de Faria, que é medico do partido de Lagos. O curso d'artilheria, Bernardo de Faria e Silva, que é hoje alferes alumno d'aquella arma. Além d'estes, mais dois outros, Guilherme e Augusto, abraçaram a carreira do funcionalismo; José de Freitas, que falleceu, e Thomaz Godinho, que está ainda no estudo de preparatorios, mas que o digno sacerdote habilitou com os meios necessarios para poder completar o curso da carreira que quizer abraçar, deixando-o como herdeiro da maior parte dos seus bens.

Educou pois 15 sobrinhos! Bastaria esse facto para fazer realçar a nobreza dos seus elevados sentimentos, e para resumir em si a apotheose de tão prestimoso cidadão. Mas ha mais. Não se esqueceu das suas sobrinhas, a quem não podera educar. Comprou na freguezia e concelho da sua naturalidade propriedades no valor de 12 contos de réis, e por ellas as dividiu!

Além d'isto, educou no seminario d'Evora um rapaz pobre,

por lhe conhecer disposições para o estudo; deu o patrimonio a dois seminaristas pobres; concorreu com valiosas esmolas para o asylo da infancia desvalida; protegeu a pobreza envergonhada, e o seu nome figurava sempre em todas as subscripções publicas com destino a fins humanitarios e uteis.

Védor capitular da Sé d'Evora, prestou relevantes serviços ao cabido, e tambem não foram menos importantes os que prestou aos lavradores rendeiros das propriedades da fabrica, antes da desamortisação dos bens das confrarias, por occasião dos annos de fome. Sempre a sua mão generosa a espalhar beneficios onde quer que fosse chamado.

O conego Silva foi sempre muito considerado em Evora e ainda por alguns homens importantes, que occuparam logares distinctos de governação publica.

EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

Charadas em verso

Ao charadista Pequeno Antoninho, *le plus distingué*

Quelle triste et frêle sort
A eu la vôtre charade !
Je lui ai donné la mort
Dans un moment, tout-à-coup.
Et, maintenant, camarade,
Je vous remercie beaucoup.

Oh, que tremendo *bolhudol*!
—Diz vossencia d'esta vez.—
Serei, mas peço comtudo,
Me perdoe o meu francez—1

Que bolha tão atrevida!
Eu, que não sei nem pitada
Em lingua que desconheço,
Começar uma charada!

Mas ainda agora reparo;
Não está má brincadeira!...
Não ha que ver, está claro,
Sem querer fiz a primeira...

Já que é feita, fica e serve.
Agora venha a segunda,
Emquanto a seiva da *verve*
Pela minha mente abunda.

Era n'um dia de festa,
O sol, esse aureo luzeiro,
Fulgia... gia... e... e esta!
Lá me ficou no tinteiro—2.

A sublime inspiração
Que me esvoaçava em redor!
Como isto vae mau!... perdão,
Outra vez será melhor.

Mas acaso tive eu culpa
Do outro assim ter falhado?
No entanto, pede desculpa
Um seu humilde creado.

Leiria.

M. MONTEIRO.

(Ao preclaro charadista de Braga, José Dias Velloso)

Visto que não nos dispensam
Esta parte da charada,
Vel-a-hão... , palavra d'honra,
Na gamma, pois, empregada.—1

E venham a nossa casa,
Mas com muita precaução,
Pois temos um animal
que os pode morder na mão—1.

Reparem bem:
Para o jantar
Este petisco
E' bom manjar.

Porto.

CLUB DOS PUNHAES DE PRATA.

No dia em que eu fui á caça,
Que chalaçal...
Ail que dia tão ratão!...
Aquillo não foi caçar,
Mas dançar,
Até vir o meu patrão.

Quando eu menos o pensava
Já passava
Além junto da ribeira;
Então eu mui descaçado
E suado
C'uma ave na dianteira.—3

Vá-se d'aquí n'um instante,
Oh! tratante!...
Não o quero já mais ver,
Retire-se-me d'aquí,
Vá p'ra ali,
Se aqui não tem que fazer.—1

Retire-se e vá-se embora,
Mas agora,
Que eu não o posso aturar;
Metta-se n'esta cazinha,
Bem feitinha;
Mas, não me venha ralar...

Covilhã.

ANTONIO R. BRANCAL.

Charada-mappa

19	19	19	Abertura
19	19	19	Instrumento
19	19	19	Confrontação
Abertura	Instrumento	Confrontação	

J. SOARES.

Logogriphos

Uma figura decerto—9, 4, 5, 6, 10
Todos aqui hão de ver;
E' viuvo ou é casado—3, 2, 4, 4, 7
Solteiro não pode ser;
Mais fechado, ou mais aberto,—6, 7, 4, 9, 10
Entrada sempre ha de ter;
Roxo, azul ou pardo-escuro,—8, 2, 3, 4, 5
Mesmo negro pode ser;
Finalmente, em tal cidade
Contamos não nos perder.

Porto

CLUB DOS PUNHAES DE PRATA.

Premio:—«Biographia dos homens celebres», ao primeiro que enviar a decifração para a rua de Paschoal José de Mello, n.º 66, esquerdo.

Charadistas: é cidade—6—17—7—8
E na Asia deve estar,—17—9—7—11—12
Ou então, é uma ilha;—14—4—14—6—14—1
Na Oceania a heis de achar.—11—2—7—17—15

CONCEITO

Cidade sou africana,
Sobre isto não ha questão;
Se o leitor não decifrar.
Creia que não tem razão.

Lisboa

FRANCISCO ALVES P.

Decifrações

DAS CHARADAS EM VERSO:—Eternidade—Sedela.
Do LOGOGRIPHO:—Serpentaria.
Por lapso sahio, no ultimo verso do primeiro tercetto do logogripho-soneto do n.º 50, posto a premio, a palavra *animal*, em vez de *vegetal*.
Abi fica feita a rectificação.
Decifraram aquelle logogripho os srs.: Saloto, de Castello Branco; Antonio Maria, de Santa Comba Dão; Matheus Junior, de Lisboa; Club dos Punhaes de Prata, do Porto, e grande Melchior, de Lisboa.
O premio coube ao ultimo d'estes cavalheiros.

UM CONSELHO POR SEMANA

O PETROLEO COMO INSECTICIDA

Applica-se uma mistura de 30 grammas de petroleo por cada litro d'agua.

A RIR

Fallava-se em theologia:
—E o verbo fez-se carne, observou alguém.
—Deve ter sido o verbo amar, replicou com a maior seriedade um profano.

Ouvido n'um congresso de atheus:
Um orador sobe á tribuna e começa assim o seu discurso:
—Cidadãos, eu sou atheu, louvado Deus!

Dizia-se d'um agiota muito judeu e avarento:
—E' de tal quilate que se o nomeassem porteiro d'um pre-dio qualquer, em cinco annos tornava-se o proprietario.

UM DRAMA INTIMO

Era uma agua-furtada tristissima, por cima de um miseravel 4.º andar na rua da Condessa. A Eugenia alugara ahi um quarto esconso, infame, por dez tostões mensaes, á locataria, a Mathilde, uma mulher já durazia, que vivia só e era engommadeira.
—Fizeste muito mal em cair, mulher, dizia a dona da casa. Isto d'homens...
E torcia o nariz.
—Mas elle prometteu-me casamento, respondia a Eugenia.
—Bem sei. E' o costume. Agora ahi tens. Deshonrada e ainda por cima com um néné.
—E' verdade! exclamava a Eugenia, olhando dolorosamente para o berço. Se Elle ao menos fizesse caso da creança!
—Espera por isso! Estes safardanas d'hoje não teem consciencia nem coração. São peiores que os animaes.
Eugenia fundia-se em lagrimas.
—Bem. Não vale chorar. Nada adiantas com isso. E enfraqueces-te mais. E' preciso ter coragem para encarar o futuro como elle é. Vae engommando essa roupa toda, que amanhã tenho que a levar.
E saiu.
Durante todo o dia, ficava só a Eugenia, curvada sobre o ferro, a engommar, a engommar, a engommar. Só se interrompia quando um choro infantil a reclamava do quarto proximo. Largava então o ferro e corria a embalar o filhinho, o que lhe roubava muito tempo. E o serviço não rendia nada. Era com desespero que retomava o ferro nas mãos, e o fazia deslizar febrilmente por cima da roupa, a fim de ver se vingava o tempo perdido. Caíam-lhe as lagrimas uma a uma, silenciosamente. Este martyrio tinha escapado á liguisição.
Ser rapariga e ter, em vez da saude e da alegria, o cançãç

e o desanimo. Estar abandonada de todos que diziam amal-a na familia, donde fôra expulsa. Trahida pelo homem a quem sacrificara o que a mulher tem de mais precioso. Ver-se a braços com a miseria, e com um filho!

A Eugenia era da provincia e de maior idade. A familia era pobre mas honesta, ferozmente honesta. Quando os paes souberam que ella ia ser mãe e o seu seductor não queria saber d'ella para nada, foram implacaveis. Puzeram-na na rua com o bahu e duas peças d'ouro. Mais nada!

A infeliz teve de vir caminho de Lisboa, occultar n'este grande centro a sua vergonha. Aqui, ao menos, ninguem a conhecia. Foi o que pensou. Mas, ahi ainda isso era peor. Na sua terra podiam censural-a, mas sempre lhe valeriam por compaixão. Aqui encontrava a glacial indifferença, que não é de certo o meio mais proprio para animar infelizes.

Filha de burguezes de uma obscura villa, não sabia fazer nada que lhe fosse aproveitavel em Lisboa. Nenhum dos misteres a que se entregam as mulheres pobres na capital, podia ella desempenhar cabalmente. Sabia, é verdade, coser, lavar, engommar, amassar pão, cosinhar, etc; mas muito differente é fazer tudo isso em casa da familia para uso dos irmãos e dos paes, do que trabalhar nos ateliers para pessoas exigentes e da moda.

Foi por isso que a infeliz não parou em casa nenhuma. Restava-lhe só um recurso: ser creada de servir; mas o seu adiantado estado de gravidez saltava tão claramente aos olhos, que a repelliam em toda a parte.

A sua situação era realmente desesperada. Na ultima casa onde se foi offerecer como creada e onde não a acceitaram, o seu ar de soffrimento, o seu estado e a sua apparencia decente, excitaram a curiosidade da Mathilde, que era um pouco philosopha.

A casa era de uma engommadeira e a Mathilde achava-se ali, trabalhando aos dias. Deu-lhe a curiosidade para interrogar a Eugenia e facil lhe foi saber toda a sua historia. Condoen-se de tamanha desdita, porque era boa mulher.

—Olhe: largue o quarto onde está pagando 2:000 reis, sem poder. Coitada! E venha para minha casa. Alugo-lhe um por dez tostões e arranjo-lhe alguma roupa para engommar de simples. Comerá á sua custa, já se vê, porque eu de dia não estou em casa. A menina, mais dia, menos dia, tem de entrar para o hospital, e quando sair de lá, fica presa pelo néné.

A outra acceitou reconhecida, e n'esse mesmo dia mudou-se. Dias depois dava entrada no hospital. Quando de lá saiu, vinha acompanhada por um pobre innocentinho.

Principiou então a sua grande via dolorosa atravez da existencia. A historia religiosa falla com espanto do que padeceu por amor do filho, a mãe do Creador, mas na historia profana ha dramas que principiam desde o anteverço e em que o amor de mãe é posto á prova de toda a sua incommensuravel intensidade.

Haverá nada tão negro na vida real, que se compare á posição da nossa heroina?

Curvada pelos soffrimentos physicos e moraes, tinha de calar no intimo as suas maguas, para não se distrahir e desanimar, para não perder de todo as forças com que puxava pelo ferro, para enganar a fome a si e ao filhinho. O que ganhava não dava para a quarta parte do que necessitava.

Passam-se d'estes sombrios dramas sob o ceo esplendido de Lisboa, em centenares de trapeiras.

E a pobre Eugenia, tinha diante de si um futuro infundavel de agonia. Quando é que aquella pobre creança teria idade de a ajudar a levar a sua pesada cruz? Quando?

Era de enlouquecer. Debalde a Mathilde, a mulher só, pratica e independente, lhe dizia:

—Olha que ainda ha outras mais infelizes do que tu.

Ella respondia:

—Não é possível.

Mas succedeu uma cousa imprevista. Ahi a desgraça é uma fera.

Um dia, um official de diligencias da administração do bairro, levou um bilhete de decima relaxada com a comminação da locataria ir pagar em breve praso, sob pena de penhora.

Era a contribuição da renda de casa. Pediam mais de 3:000 réis por um semestre de morada n'uma pocilga! A Mathilde, que nunca em sua vida pagara semelhante contribuição, não quiz ir

pagar. O resultado não se fez esperar. Fizeram-lhe penhora.

Não estava em casa a Mathilde. Quando veio á noite e viu o que se tinha passado, voltou na primeira effervescencia as culpas para a Eugenia, por ter aberto a porta áquelles salafrios.

—Então o que havia fazer? Eu não percebo nada d'isto! respondia a outra humildemente.

—O que havias de fazer? Pol-os na rua com um pau! Saberás que o marquez de Pombal disse que, cada um em sua casa tem tanta força, que mesmo depois de morto, são precisos quatro homens para o levar.

E passeando furiosa, sem se importar de bater com a cabeça no tecto esconso, accrescentou:

—Pois, minha rica; pódes tratar do procurar casa. Vou-me desfazer d'esta, enquanto não me levam o resto dos tarcos. Vou tambem para um quarto alugado. Ao menos não pagarei contribuição, nem se me dá que abalem com a mobilia da dona da casa.

A Eugenia, debilhada em lagrimas, caiu-lhe aos pés.

—Pelo amor de Deus não me abandone! Bem sabe que sem o seu auxilio, não terei roupa para engommar. E onde encontrarei um quarto por este preço, ou antes, uma casa como esta, á minha disposição?

As mulheres, quando se zangam umas com as outras, são implacaveis. As lagrimas irritam-nas. E por isso a Mathilde respondeu seccamente:

—Cada um governa se.

—Ao menos tenha dó d'aquelle innocentinho. Não lhe peço por mim.

Ainda foi peor. Vão lá pedir a uma solteirona que se interesse por creanças! A pobre mãe enganava-se deploravelmente ácerca dos sentimentos que agitam esta cousa incomprehensivel, chamada—o coração humano.

No dia seguinte a Mathilde teve artes de sub-arrendar a casa e mudou-se, deixando abandonada a sua amiga. Os novos inquilinos não quizeram saber de desgraças e puzeram-a na rua.

—Ella que se despediu de você em francez, é porque você não é boa, respondeu á Eugenia a nova inquilina.

A pobre rapariga foi alugar outro quarto; mas não tinha trabalho. Principiou então de novo a sua vida dolorosa, a pedir trabalho para fazer em casa, mas para engommar, não tinha ferro; para trazer costura, exigiam-lhe fiança e queriam pagar miseravelmente um trabalho colossal que deveria ser feito com nma rapidiz mechanica.

O unico recurso seria trabalhar fóra, mas não o podia fazer por causa do pequeno. Nas creches não o queriam receber, allegando que tinham população a mais e aconselhavam-na a que... esperasse.

N'esta terrivel lucta, foi vendendo a pouco e pouco os trapos,

para dar umas papinhas com leite ao pequeno e para poder comer um pão secco durante o dia. Por fim, chegou o momento fatal em que não havia mais nada que vender; e a pobre martyr, cambaleando de fraqueza, a garganta secca, a voz apagada, a cabeça em fogo pelo tormento da fome, com vertigens e principio de delirio, vendo diante dos olhos manchas vermelhas por toda a parte, pegou pela ultima vez no filhinho querido, que lhe agarrava com as gengivas nos dedos, chupando-lh'os esfomeado, e saiu de noite em direcção ao Aterro—e precipitou-se ao rio!

No dia seguinte, noticiavam os jornaes n'esse tom vago com que são tratados os desgraçados: «Hontem, appareceu no rio o cadaver, ou antes os cadaveres de uma mulher e uma creança de peito, abraçados estreitamente. Suppõe-se que serão mãe e filho. A pobre mulher não tinha camisa e estava vestida de andrajos. Era ainda muito nova. A creança estava envolta em trapos. Foi sem duvida a extrema miseria a origem d'este drama intimo.»

Eis o necrologio que a sociedade fez á pobre mãe.

E a civilização caminha... mais triumphante do que nunca, apregoando *ubi et orbi*, as maravilhas *materiaes* do seculo. Quando chegará a hora das maravilhas *moraes*, isto é, do bem estar de todos?

JOSÉ MARIA DA COSTA.

Administração—Travessa da Queimada, 35, 1.º, Lisboa

Reservados os direitos de propriedade litteraria e artistica